



## ACERCA DA UTILIZAÇÃO DA TERRA NA ÁFRICA NEGRA

- 1 — Introdução.
- 2 — Os factores que condicionam a utilização da terra. O complexo agro-climático na África Negra.
- 3 — Características essenciais da Agricultura. A estrutura agrária e os sistemas culturais na África Negra. O sistema itinerante.
- 4 — Análise, interpretação e consequência do sistema itinerante.
- 5 — O colonialismo e o sistema itinerante.
- 6 — Considerações finais.

1 — **C**ONSTITUI objecto destas notas o problema da utilização da terra na África Negra. Sabe-se sobejamente o significado material da expressão África Negra. Registe-se apenas que é a denominação duma área de cerca de 15 milhões de km<sup>2</sup>, do Continente Africano.

O objectivo destas notas é o de responder, ainda que brevemente, às seguintes perguntas: como se utiliza a terra na África Negra? essa forma de utilização é característica exclusiva da África Negra? O que é o sistema itinerante? Tal sistema constitui, ou não, uma solução racional do conflito Homem-Natureza? Quais as suas consequências? De que maneira o novo factor surto em África — o colonialismo — afectou o sistema itinerante?

Evidentemente que a resposta a tais perguntas implicará algumas considerações, ainda que estas sejam novas interrogativas.

Antes de perseguir o objectivo proposto, ou, melhor, para perseguir o objectivo proposto, impõe-se uma breve referência aos factores físicos que condicionam a utilização da terra na África Negra.

2 — A utilização da terra ou a Agricultura, representa a etapa mais brilhante da evolução do Homem. De simples colector de alimentos que a Natureza lhe proporciona, o Homem passa a criar o seu alimento. Do conhecimento vulgar — uma semente, lançada à terra, pode dar origem a uma nova planta — resulta um mundo de consequências. Esta vitória, presente no processo histórico de todos os povos, implica a transformação do próprio Homem, e, a da Natureza de que faz parte.

Lenta mas progressivamente, o Homem adquire consciência da grandeza da sua conquista. Não basta semear para colher. Um complexo de factores, interdependentes, condiciona o desenvolvimento da planta que se pretende obter. O estado e a natureza da semente; a terra ou solo; o clima (chuvas e temperatura, principalmente); a natureza e a quantidade das plantas presentes ou surtas no terreno; a «atitude» dos outros seres vivos em relação às plantas. Existe uma interdependência planta-meio ambiente, de que o Homem passa a ter consciência. O aspecto essencial dessa interdependência, é a relação terra-planta-clima. Isto é: os principais factores não humanos no condicionalismo da agricultura são: o clima, o solo e a planta. Não humanos, insista-se, porque dos principais factores aqui determinantes é o próprio Homem-ser-social, cuja acção está dependente da estrutura económica em que assenta a actividade agrícola.

(a) As características principais do clima da África Negra são: as temperaturas elevadas e praticamente contínuas; a grande percentagem de humidade atmosférica e a abundância de chuvas; como resultante destas características e da má drenagem originada pela orografia, são frequentes as zonas periódica ou permanentemente alagadas.

Dessas circunstâncias resulta ser o clima da África Negra, duma maneira geral, insalubre. Se possibilitam uma grande exuberância ao desenvolvimento dos seres vivos superiores — plantas e animais — elas facultam, ante o rudimentarismo das condições higiénicas, o dos germens de doenças as mais variadas e dos seus vectores. A luta pela vida atinge proporções gigantescas. As plantas espontâneas ou cultivadas — enfrentam a tenaz concorrência não só doutras plantas, como também de animais os mais variados. Difíceis são as condições de vida para o Homem, em particular,

já pelos obstáculos que as plantas — fonte primordial de alimento — têm de vencer, já pela presença constante dos agentes patogénicos. Do paludismo à febre amarela, da elefantíase à lepra, das desinterias à ancilostomiase, pululam as doenças, ceifando vidas, debilitando o organismo humano.

A par disso, e quiçá mais importante que tudo isso, o complexo de limitações impostas, legal ou ilegalmente, pela situação dependente da maioria dos povos afro-negros.

*b*) Mas a acção do clima vai mais longe, e deixa a sua marca na natureza dos solos da África Negra.

Os principais factores do desenvolvimento do solo são: o clima, a rocha-mãe e os seres organizados (vivos ou mortos). O solo resulta de profundas transformações (meteorização) físico-químico-biológicas, verificadas na rocha até uma profundidade variável com as circunstâncias em que aquelas transformações se operam. Por uma série de contradições que têm início no conflito rocha-clima e que encontram solução em sínteses sucessivas, a rocha transforma-se em solo, por sua vez em constante transformação, sob a acção interinfluyente dos factores referidos. Não será descabido salientar que o Homem tem ou pode ter uma intervenção importante no desenvolvimento do solo.

Admite-se que, conhecidos os factores de desenvolvimento, pode-se prever qual o tipo de solos que lhe corresponde.

Com base nesse conceito, o que se verifica na África Negra? I) as características das chuvas e da temperatura dão ao clima um papel preponderante no desenvolvimento dos solos; II) essas características criam novos problemas à interpretação científica do desenvolvimento do solo; III) existem solos cuja natureza se coaduna perfeitamente com o conceito atrás referido; IV) existem solos cujo processo de desenvolvimento patenteia a insuficiência desse conceito, já pelas características físico-químicas do seu corpo, já pela profundidade que este atinge.

Estão neste caso os solos das florestas da África Negra, os quais constituem o «substractum» da vida nessas regiões. As condições climáticas permitem que sobre delgadas camadas de rocha meteorizada se desenvolvam densas florestas. Estas, pode dizer-se, bastam-se a si próprias. Os produtos orgânicos delas provenientes, rapidamente decompostos, vão servir de alimento não só às árvores como às outras plantas. Esse substrato orgânico constitui o verdadeiro solo das florestas afro-negras. Sob ele, na generalidade, delgadas camadas de areia estéril, sem estrutura, ou de solos demasiadamente pobres para servirem de base à agricultura.

Dos factos referidos, resultam imediatamente estes outros: I) o conceito de solo atrás exposto e geralmente aceite, acusa uma certa fragilidade quando aplicado aos solos da África-Negra; II) o problema da utilização da terra adquire aqui aspectos delicados, o que sugere, no que respeita à sua solução, a inadaptabilidade de métodos criados em resposta a condições agro-climáticas muito diferentes.

Mas o facto de o clima ser um «formador» de solo, faz com que seja também um «destruidor» do solo. Este, juntamente com os seres que vivem «nele, sobre ele e dele», forma, em qualquer meio, um complexo. Esse complexo em permanente movimento, representa a síntese natural duma série de contradições, a solução dum conflito. Qualquer alteração não compensada do estádio naturalmente atingido reacende o conflito, agora agravado pelas novas condições presentes. Algo será destruído. A destruição incide sobre o solo, e o seu agente directo é o clima (chuva, vento e temperatura). O que fica dito é válido para qualquer meio.

Na África Negra como nas demais regiões tropicais, pelas características das precipitações meteóricas — quantidade e intensidade — e da temperatura, a destruição do solo encontra as condições mais favoráveis. Basta privar a terra da sua protecção natural — a vegetação — para que o embate das chuvas e o escoamento das águas superficiais, aliados à acção directa do calor, destruam o solo. E surgem todas as consequências da erosão, comandada pelo clima que havia permitido uma vegetação exuberante sobre um solo pobre. Quando o solo não é destruído por arrastamento total, é-o por lavagem dos elementos fertilizantes e estruturadores, o que conduz ao seu completo empobrecimento. Da acção combinada das águas pluviais e do calor (infiltração e evaporação), pode resultar frequentemente, a lavagem de bases e de sais de sílica, com ascensão dos hidróxidos de *Fe* e de *Al*, os quais, sem contacto com o ar, dão lugar a uma carapaça vermelha, dura e completamente estéril. É a laterização dos solos, raramente verificada fora das regiões tropicais.

A favorabilidade do meio afro-negro à destruição da terra, aliada ao facto de que os solos, na maioria, são sumamente frágeis, vem acentuar o carácter delicado do problema da sua utilização.

Acresce ainda, como não podia deixar de ser em face da acção do clima já referida, que estes solos são pouco férteis. A lavagem intensa de bases não permite um conveniente aproveitamento da matéria orgânica, que se decompõe rapidamente, tanto pela acção do calor, como pela dos microorganismos. A análise de solos da floresta do Congo Belga, por

exemplo, revelou um teor de 1,8 % de matéria orgânica, quando é certo que cerca de 50-60 t deste produto, provém, em média anual, da vegetação presente (GOUROU, 1950). O azoto orgânico é rapidamente transformado pelas bactérias nitrificantes, dando sais muito solúveis, arrastados pelas águas. As quantidades de fósforo, potássio, Mg e Ca são tão diminutas que não atingem, salvo excepções, os mínimos caracterizadores de solos cultiváveis nas regiões temperadas. Dada a intensidade dos fenómenos químicos, e a acentuada acidez dos solos, o problema da fertilização (adubação química e orgânica) torna-se de difícil solução.

Importa salientar a existência de solos que fazem excepção a este quadro, tais como alguns solos de montanha e os das zonas aluvionais.

(c) A exuberância da vegetação não significa, portanto, que os solos da África Negra sejam ricos. Pode-se mesmo afirmar que a sua característica predominante é a pobreza, e a «fragilidade» (GOUROU, 1950).

A exuberância e a diversidade da vegetação resultam das condições do meio. O clima permite o desenvolvimento da floresta sobre solos que se podem considerar estéreis. A própria floresta, pelos produtos orgânicos dele provenientes, dá origem a um novo solo que vai satisfazer as exigências alimentares do meio fito-social. Nas savanas, a pobreza da vegetação é característica, revelando a pobreza do solo.

Mais do que a quantidade, importa a qualidade das plantas presentes numa dada região, o seu interesse para a Agricultura, para o Homem. Mesmo considerando as plantas não autóctones, revela-se escasso o número de plantas úteis ao Homem, na África Negra. A alguns cereais (sorgo, milho miúdo, arroz e milho, etc.) e leguminosas (feijões, amendoim, etc.) e tubérculos (batata, mandioca, inhame), juntamente com culturas, arbóreas e arbustivas (diversas árvores de fruta, a bananeira, o coqueiro, a papaeira, etc.) e a pouco mais, se limita o número de plantas exploradas (nem todas cultivadas) para o alimento do afro-negro.

As florestas são, na maioria, de 2.<sup>a</sup> ordem. Apesar da diversidade dos elementos constitutivos, poucas são as essências verdadeiramente úteis.

Do que ficou dito parece legítimo destacar-se o seguinte: I) o clima da África Negra, duma maneira geral insalubre, não permite uma fácil utilização da terra; II) os solos são, na generalidade pobres, e de fácil destruição; III) apesar da diversidade de plantas, é reduzido o número das que interessam à Agricultura.

É perante um tal condicionalismo que o Afro-Negro, transpondo a etapa colectora, cria a sua Agricultura. Obra do Homem, ela reflectirá,

necessariamente, algo das características que o definem: a racionalidade e a sua condição universal. As características dessa Agricultura servirão de pedra de toque para avaliar até que ponto, na África Negra, o Homem, com os elementos à sua disposição, soube compreender a inter-relação solo-vida-clima, e integrar-se nela conscientemente em busca do alimento indispensável à subsistência.

3 — Para caracterizar a Agricultura duma dada região, importa considerar, além dos factores mesológicos, estes outros: a estrutura agrária, definida pelo regime de propriedade e pelas formas da exploração da terra (factores de produção e modo de repartição); a ideia ou o conceito que não só a colectividade, como o indivíduo, têm, da terra; os sistemas culturais geralmente adoptados, incluindo as práticas de cultivo e a natureza das plantas cultivadas. Esses factores são, como os mesológicos, interdependentes. Dessa interinfluência, aliada ao complexo de limitações impostas pelo meio, depende, em dado instante, o valor da utilização da terra, para a região considerada. O critério de aferição desse *valor* deve assentar nos seguintes princípios: I) a utilização da terra será tanto melhor quanto maior for a sua utilidade social, isto é, quanto mais indivíduos dela beneficiarem; II) a utilização da terra será tanto melhor quanto mais compatível ela for com a conservação do solo; III) a consecução destes objectivos deve realizar-se através meios os menos penosos, para o organismo humano.

O fenómeno Agricultura transforma o Homem, criando-lhe novas relações na sua vida social e individual; transforma o meio pelas modificações a que dá lugar tanto na vegetação como no solo. Há, portanto, uma acção recíproca entre a Agricultura e os factores que a condicionam. Dela depende, em suma, a evolução da Agricultura duma dada região.

① Enunciados estes princípios, ponha-se agora a seguinte pergunta: qual é, na generalidade, a estrutura agrária em que assenta a utilização da terra na África Negra? Essa estrutura caracteriza-se, fundamentalmente, pela propriedade colectiva das terras. Para os povos afro-negros, a terra é um bem comum. A propriedade privada incide apenas sobre os bens produzidos pelo indivíduo ou pela família. Leis alicerçadas na tradição regulam as relações do Homem com a terra. Cada família ou cada indivíduo tem o direito de cultivar a terra necessária à sua subsistência, e de acordo com as suas forças. Entre os bamba da Rodésia, por exemplo, os limites da área cultivada pela família ou pelo indivíduo, estão sujeitos à sanção da

opinião pública. Nas zonas de maior densidade populacional esses limites são fixados por normas geralmente acatadas.

Escolhido ou determinado o lote de terra suficiente para uma família, é ela própria que o cultiva: a distribuição dos trabalhos é regulada pelos costumes do povo, dependentes geralmente do meio. Segundo Darryl Forde, citado por P. GOUROU (1950) entre os Yoruba, povo da savana, onde o solo apresenta grandes dificuldades de trabalho, são os homens que executam a lavoura. Contrariamente, entre os Boloki, povo de floresta, onde o solo é facilmente trabalhável, é às mulheres que compete a lavoura.

Entre os mandingas e fulas da Guiné, por exemplo, a cultura do arroz é executada pelas mulheres, enquanto os homens são responsáveis pela cultura de outros produtos alimentares (diversos milhos, mandioca, etc.) e de produtos de exportação (mancarra). Ainda em relação à Guiné, cite-se o caso dos balantas e, duma maneira geral, dos povos literáticos: os trabalhos agrícolas são efectuados tanto pelos homens como pelas mulheres, ainda que a estas esteja reservada a execução das operações mais ligeiras. A cooperação entre famílias é frequente.

A estrutura agrária influencia e é influenciada pelo conceito que a colectividade faz da terra. Para o afro-negro, a terra é algo de sagrado, fonte da vida colectiva e individual. Produto da generosidade dos deuses, do totem ou do irã, a terra merece o respeito de todos, e todos a ela têm direito. Constitui o fulcro de toda a existência, em muitos casos, a própria estabilidade da habitação. Daí (e do conhecimento das condições do meio) a preocupação constante de poupar a terra à destruição. Essa preocupação está patente nos sistemas culturais adoptados.

② Quais são esses sistemas culturais? São os seguintes: I) cultura intensiva, em alguns casos hortícola, nas zonas mais povoadas; II) orizicultura, nas zonas inundadas ou inundáveis; III) de maneira mais geral, o sistema itinerante. Alguns exemplos: na Uganda, a cultura da bananeira é hábilmente desenvolvida, conseguindo-se óptimos resultados, sem perigo para o solo. Este é recoberto com os produtos provenientes da planta (folhas e caules), não havendo possibilidades de erosão; na ilha de Oukara, ao SE do lago Vitória, a terra é submetida a uma exploração contínua. O agricultor constroi terraços que defendem o solo da erosão, estruma a terra e cultiva forragens para uma criação racional de gado. No Kelimanjaro, dispondo dum solo vulcânico e fértil, os Tchagga cultivam bananeiras e eleusina e produzem forragem e café, tendo organizado um sistema de irrigação a todos os títulos notável. O povo swaili consagra-se

à orizicultura inundada e á exploração de coqueiros; na Guiné, o balanta conquista a bolanha às marés e realiza uma orizicultura que, para as condições económicas e técnicas do ambiente, se pode considerar plena de sucesso.

Os mancanhas, os fulas e os mandingas dedicam-se, ainda que em escala reduzida, à cultura frutícola; os nalús, no sul da Guiné, exploram, de acordo com a aptidão natural do meio, a cultura da coleira, e apresentam uma actividade agrícola de fâcies complexo, cultivando quase todas as espécies alimentares adaptadas ao meio (milho, mandioca, batata doce, arroz, feijões, etc.) e dedicando-se, mais que qualquer dos outros povos guineenses, à fruticultura.

Mas o sistema cultural característico da África Negra é o denominado «itinerante». Este sistema pode resumir-se da seguinte maneira: uma porção da floresta ou da savana é escolhida para se submeter à cultura; procede-se ao arranque ou desbaste da vegetação natural, a qual é seguidamente queimada; a terra é explorada durante certo tempo e depois abandonada; a floresta ou a savana volta a ocupar o terreno.

A escolha da parcela de floresta é condicionada pela fertilidade do solo, reconhecível por experiência, pela presença de certas espécies (*Thaumtococcus Danielli* e *Cassia alata*, para os Bulu dos Camarões, p. ex.) ou «provando» a terra, como fazem os camponeses de Dahomey. Abatidas as árvores de maneira a que as raízes fiquem protegendo o solo, procede-se à queimada da vegetação restante, juntando-se as cinzas ao solo, o que aumenta a sua fertilidade. Ao chegarem as primeiras chuvas, efectua-se a sementeira. A terra, em alguns casos, não é lavrada, bastando a queimada para lhe dar uma contestura que permite a sementeira. As «searas» são defendidas do ataque dos animais (ruminantes, roedores e aves). São raras as pragas de insectos e de doenças vegetais, o que, em parte, é uma consequência da queimada. Em muitos casos, a enxada é um instrumento de lavoura, e, em raros, o arado. Os Nupé, da Nigéria, usam dois tipos de enxada: um para a lavoura e outro para as operações culturais mais ligeiras, como as sachas.

Na Guiné, a mulher mandinga, por exemplo, usa um arado próprio, para a orizicultura, enquanto os homens, para as outras culturas, se utilizam de instrumentos análogos ao sacho, de tamanhos adequados às operações culturais (lavouras e mondas); os mancanhas usam exclusivamente a enxada, assim como os balantas usam exclusivamente o arado «radi» para a lavoura e outras práticas de cultivo; os fulas usam, para a lavoura, um

arado («radi», em crioulo e «fêfê», em fula) e, para as sachas, um sachô («cobador», em crioulo, e «djalô», em fula).

Após um número de anos de cultivo variável com a fertilidade do solo, a densidade populacional e as tradições do povo, o campo é abandonado, voltando a ser ocupado pela floresta ou pela savana. Se o campo é cultivado durante vários anos, o afro-negro lança mão da rotação, para manter o equilíbrio do solo. À cultura principal são associadas diversas culturas secundárias. Entre os Tiv (Nigéria), por exemplo, a rotação é a seguinte: 1.º ano — inhames; 2.º ano — milho miúdo (*Pennisetum*) e sorgo; 3.º ano — gergelim.

Na Guiné, os mandingas, por exemplo, submetem os solos cultivados com a mancarra (amendoim, *Arachis hipogaeae*, L.) à seguinte rotação: 1.º ano — sorgo; 2.º ano — mancarra; 3.º e 4.º anos — pousio; nas terras mais ricas: 1.º e 2.º anos — sorgo; 3.º ano — mancarra; 4.º ano — pousio. Os mancanhas, em Bolama, usam a seguinte rotação: 1.º ano — arroz de sequeiro; 2.º ano — mancarra; 3.º ano — milho preto; 4.º ano — fundo; 5.º ano — mancarra consociada com feijão; 3 ou mais anos de pousio.

Acompanham essas culturas, intercaladamente, diversas outras: hibi-seus, a melancia, batata doce, a mandioca, etc. Como se constata, o terreno é ocupado por várias plantas simultaneamente, o que reduz as possibilidades de destruição do solo.

3 O sistema itinerante, característico da África Negra, é exclusivo dessa região? Tal sistema não é exclusivo da África Negra. Constitui a característica da Agricultura nas regiões tropicais. É a solução encontrada pelo Homem, universalmente, para tornar possível e permanente a utilização da terra sob as condições agro-climáticas dos meios tropicais: Têcnicamente pode afirmar-se que o sistema itinerante constitui uma rotação do tipo: floresta (ou savana)—plantas cultivadas—floresta (ou savana). A ocupação da terra pela floresta (ou savana) pode interpretar-se como um longo pousio (entre 2 a 25 anos ou mais), para «descanso» e revigoração dos solos.

O sistema itinerante, característico da África Negra, tem o seu equivalente em todas as regiões tropicais. Ray, na Indochina, caingin, nas Filipinas, milpa e coamile no México, conuco na Venezuela, chitiminé na Rodésia, etc., são designações que, com ligeiras variantes, traduzem o mesmo sistema cultural. Povos não tropicais utilizaram também o sistema itinerante. Mas essa circunstância foi apenas uma etapa da sua evolução agrícola, posteriormente ultrapassada. Porém nas regiões tropicais, à univer-

salidade do sistema no espaço, junta-se, como diz GOUROU, a sua perenidade no tempo. Representará tal facto uma deficiência da capacidade criadora? Ou, pelo contrário, o resultado duma interpretação racional, das características e limitações do meio ambiente?

4 — A Agricultura, como um fenómeno natural, o (Homem é também Natureza) traz em si o próprio gérmen da sua destruição. Destruição não significa desaparecimento absoluto. Significa apenas que um dado fenómeno não pode permanecer igual a si próprio no tempo. Tem de transformar-se, para subsistir. A Agricultura significa utilização da terra. O solo (outro fenómeno natural) não existe indefinidamente. Subtraído às condições naturais do seu desenvolvimento, modificam-se as transformações que nele têm lugar. O Homem, cultivando a terra, provoca a destruição da fertilidade e, em acção conjugada com outros factores, a do próprio corpo do solo. Essa, a contradição inerente à Agricultura. Da solução desse conflito, já referido ao afirmar a existência duma acção recíproca entre a Agricultura e os factores que a condicionam, e ao qual não é estranho a estrutura agrária em que assenta a exploração da terra, depende o sentido da evolução do fenómeno agrícola.

Na África Negra, como em outras regiões tropicais, o clima exerce uma pressão constante sobre o Homem. A concorrência do campo vegetal, é tenaz. Os solos ou são pobres, ou são extremamente frágeis, como resultado da sua própria génese. O cultivo das plantas alimentares exige a destruição da vegetação natural. Destruída esta, o empobrecimento e a destruição do solo operam-se aceleradamente.

À Agricultura do Afro-Negro, impunha-se portanto: (I) destruir a floresta ou a savana, no sentido de obter solo cultivável e evitar a concorrência das espécies não alimentares; (II) defender as plantas cultivadas do ataque dos parasitas e doutros animais; (III) evitar o empobrecimento acelerado do solo; (IV) evitar a erosão e permitir o cultivo, ainda que intermitente, dum mesmo solo; (V) exigir do agricultor o menor esforço compatível com a adversidade do clima; (VI) conseguir o mínimo indispensável ao sustento da colectividade.

Para conseguir esses objectivos, o Afro-Negro, consciente das limitações do meio, cria o sistema itinerante. Usando-o consegue: (I) a terra cultivável, subtraída à floresta ou à savana, para o que corta, arranca e queima todas as espécies não alimentares; (II) pela queimada, destrói não só os parasitas, como muitos dos animais depredadores contra os

quais exerce uma vigilância cuidada durante o desenvolvimento das plantas cultivadas; III) mistura ao terreno as cinzas das queimadas, o que aumenta a sua fertilidade, e pratica a rotação cultural, evitando o rápido empobrecimento da terra; IV) à cultura principal, alia culturas intercalares de modo ao solo apresentar uma densa cobertura protectora; este facto, aliado à presença de árvores no campo cultivado, e, de bandas florestais nos seus limites, reduz ao mínimo as perdas por erosão; além disso, após certo tempo de cultivo, mas antes de se verificar o completo esgotamento do solo, abandona o terreno, permitindo o retorno da floresta ou da savana: o solo entra em pousio, para passados anos, voltar a ser cultivado; V) desenvolve um esforço mínimo, ainda que muitas vezes gigantesco, para obter a terra cultivável e os produtos alimentares; VI) a sua presença, apesar de todos os obstáculos, é prova bastante de que tem conseguido, pelo menos, o mínimo de alimento indispensável à colectividade.

Nota-se, portanto, que o sistema itinerante, na África Negra, é a solução adequada ao problema imposto pelas condições do meio. Realiza a agricultura sem destruir o solo; as cinzas das queimadas aumentam a fertilidade; a acção dos parasitas e das doenças das plantas é dificultada; o pousio de longos anos, com floresta ou savana, permite o revigoramento dos solos afectados pelo cultivo. O Homem, aqui, na sua luta contra a Natureza, e dispondo de meios técnicos rudimentares, utiliza todas as possibilidades que esta lhe oferece: do solo e dos fertilizantes que a floresta criou às facilidades de rápido e intenso desenvolvimento vegetal permitido pelas características climáticas, mesmo em solos depauperados ou pobres. Mas vai mais longe: quando as condições do meio o permitem e as necessidades sociais o exigem, abandona o sistema itinerante, pratica a cultura intensiva, evitando sempre a destruição do solo. A propriedade colectiva das terras e as tradições reguladoras da sua utilização, permitem que compartilhe das suas benesses toda a colectividade. Além disso, este sistema de cultura corresponde ao sistema de produção em que assenta.

Posto isto, surge uma pergunta: o sistema itinerante representa, para a África Negra, uma solução definitiva? Não apresenta inconvenientes?

O sistema itinerante é uma criação do Homem, condicionada por determinados factores. Uma vez criado, influencia, por acção recíproca, não só os factores físicos que o condicionam, mas também o próprio Homem.

A floresta (ou savana) que se segue ao cultivo do solo é, necessària-

mente, diferente da que a precedeu. Muitas espécies são eliminadas, surgindo outras. A floresta virgem é mais vigorosa e mais rica que uma de 2.<sup>a</sup> ordem. Além disso, em muitos casos, o solo onde se fez a cultura não fica em condições de alimentar uma nova floresta; surge a savana, onde o solo não atingirá jamais a riqueza criada pela floresta. Além disso, as queimadas, destruindo os seres nocivos, destroem também os microorganismos úteis ao solo, o que dificulta posteriormente as transformações inerentes a este corpo natural.

Mas a influência mais importante do sistema, reflecte-se sobre o Homem. Praticado como atrás foi descrito, ele não permite a obtenção do alimento necessário (nem em quantidade nem em qualidade) à satisfação das necessidades de grandes aglomerados populacionais. Isto é: torna-se incompatível com uma grande densidade demográfica. Então o Homem enfrenta o seguinte dilema: ou aumenta as áreas cultivadas e o número de anos de cultivo, aumentando, assim, as probabilidades de destruição do solo (da destruição do Homem, portanto), ou tem de limitar-se a uma alimentação incompatível com o desenvolvimento demográfico. Além disso, o sistema itinerante exige uma grande instabilidade dos aglomerados populacionais. O Homem não se fixa à terra. Ora a fixação, ao que parece, é condição essencial ao progresso de qualquer povo. A necessidade de deslocamento periódico por parte do agricultor itinerante, o fraco rendimento da agricultura e a inferior qualidade dos alimentos produzidos bastam para condenar o sistema. O Homem passou a ser presa da sua própria criação. Mas pode sempre libertar-se.

O sistema itinerante, apesar de traduzir, como se disse, uma solução racional do problema da agricultura na África Negra, é condenável. Fundamentalmente, porque não serve o desenvolvimento progressivo do Homem. Significará isso que se impõe a eliminação pura e simples do sistema itinerante?

É de admitir-se que, se novos factores não vêm perturbar a vida do Afro-Negro, a evolução da Agricultura conduziria à transformação do sistema. Aliás é o que se verifica, como se referiu, em muitas regiões da África Negra. Transformação e não eliminação pura e simples. Negação relativa e não absoluta. Quer dizer: a evolução das técnicas culturais africanas no sentido de servirem melhor o progresso dos povos afro-negros, não pode ignorar que elas traduzem um conhecimento profundo do meio e das suas possibilidades. Impõe-se a criação de novas técnicas. Mas estas,

para que tenham êxito, hão-de aproveitar tudo quanto de positivo a experiência de séculos e a razão, criaram.

Do facto de se não ter atendido a essa necessidade vital, resultaram já verdadeiras catástrofes. Na base dessas encontra-se, duma maneira geral, o complexo de factores introduzidos na vida do Afro-Negro, por uma nova entidade — o colonialismo.

5 — As determinantes económicas que, na Europa, haviam constituído uma das causas da era dos Descobrimentos, levam o europeu a fixar-se em África. Do simples comércio de mercadorias, entre as quais o Homem-Negro, o europeu passa à exploração da terra. Mas não tem, como o afro-negro, o objectivo de produzir o indispensável à alimentação. Cultiva ou faz com que o afro-negro cultive produtos de exportação. Utiliza ou leva o afro-negro a utilizar o sistema itinerante na obtenção desses produtos. Modifica o modo de produção sem modificar o sistema de cultura da terra.

Criam-se, assim, novas necessidades. A pouco e pouco vai surgindo a propriedade privada (do europeu ou do «assimilado»), a qual origina novas relações na vida económica.

O sistema itinerante adquire novas características, acentuam-se os inconvenientes apenas latentes na sua estrutura inicial. As áreas subtraídas à floresta são cada vez maiores, e maior é o tempo de duração do cultivo da terra. Diminuem os períodos de pousio. Mais do que isso: a terra é cultivada até esgotar-se completamente. Entretanto, a erosão destruiu o corpo do solo e, abandonado este, não mais poderá reconstituir-se. A laterização alastra-se.

Em suma: o colonialismo introduz em África um novo sistema de produção, traduzido na «*economie de traite*». Mantém, contudo, o sistema itinerante de cultura da terra. Ao sistema itinerante aplica ou tenta aplicar, sem atender à diferença das condições mesológicas, as práticas agrícolas europeias, porque está convencido da «superioridade» dessas práticas. Das contradições criadas, resulta que, dia a dia, se acentua a devastação da terra africana. Começam a manifestar-se todos os inconvenientes prudentemente evitados pela agricultura afro-negra. O exemplo do Senegal dá origem a um neologismo — senegalização — para exprimir a devastação do solo em África. O Homem negro, impotente, assiste ou participa na sua própria destruição. Com a vida desequilibrada, tendo de satisfazer não só a novas necessidades criadas, mas também às exigências da sua nova

condição social, vai-se desenraizando a pouco e pouco, emigra ou tem de emigrar, abandona ou nem tem tempo de assimilar a sabedoria que ele próprio, com base no conhecimento empírico do meio e na experiência de séculos, havia criado.

Contudo, o europeu, ao fixar-se em África, encontra-se num meio adverso e diferente do seu. Não pode deixar de fazer-se acompanhar das conquistas que, como Homem, obteve na luta contra a Natureza, noutro meio. Ainda que lentamente, chama em seu auxílio as conquistas da Ciência e da Técnica. Além disso, ou antes disso, tem de recorrer ao trabalho do afro-negro. Essa necessidade vem facultar ao afro-negro algumas possibilidades de assimilação da cultura europeia, e, de defesa contra o meio. São introduzidas novas plantas, que se adaptam ao meio africano e enriquecem a agricultura. Inicia-se, ainda que lentamente, a industrialização local de algumas matérias-primas. O contacto dos homens e de culturas, a miscigenação, em suma, o desenvolvimento do colonialismo põe novos problemas, que não cabem nestas notas, e em que os conflitos são cada vez mais acentuados.

O Mundo estreitou-se e estreita-se, dia a dia. As condições materiais da existência, criaram novas concepções em relação à vida dos Homens. O Homem realiza hoje o «milagre» de transformar a Natureza, após a certeza de que as relações entre os homens podem sofrer profundas transformações no sentido duma vida em que a justiça e a fraternidade quebram as algemas dos preconceitos e das conveniências, duma vida em que não cabem diferenças baseadas no conceito subjectivo de raças — sejam quais forem as suas vestes — e a qual se concretiza na luta consequente de cada dia plenamente vivido.

Abrem-se, portanto, novas perspectivas à fatal evolução dos factores que, na actualidade, condicionam a agricultura na África Negra.

6 — É em face dessas circunstâncias e dessas perspectivas, que tem de buscar-se o sentido da evolução da agricultura na África Negra. Quais os possíveis caminhos dessa evolução? A resposta a esta pergunta não constitui objectivo destas notas. Porém, não será audacioso afirmar que tal evolução não deve nem pode ignorar o seguinte:

a) A necessidade de aproveitar integralmente todos os recursos da África Negra, o que exigirá, em alguns aspectos, a transformação progressiva da Natureza;

b) A necessidade de aplicar a riqueza proveniente desses recursos à própria África Negra;

c) A necessidade de estabelecer uma estrutura agrária que não permita a exploração desordenada e gananciosa da terra; que não permita a exploração. «tout court», do homem pelo homem;

d) A necessidade de facultar ao Homem Negro o acesso a todos os meios de defesa contra a adversidade do clima;

e) A necessidade de fomentar o desenvolvimento cultural do afro-negro, o que exige que se tire o máximo partido da sua própria cultura e das dos outros povos;

f) A necessidade de seleccionar e aproveitar tudo quanto há de útil nos sistemas afro-negros de cultivo da terra, bem como tudo quanto, das técnicas europeias, seja aplicável à África Negra.

A síntese desses elementos, apoiada no conhecimento científico dos factores mesológicos (solo, clima, vegetação) e do Homem, dará, por certo, o caminho da evolução da agricultura na África Negra. Essa evolução terá de realizar-se por etapas. Exige, contudo, como condição primária, que os frutos dos trabalhos do afro-negro sirvam verdadeiramente o afro-negro. Só nessas circunstâncias (e nas condições históricas da actualidade), poderá a Agricultura, aliada a outros ramos da produção, permitir ao afro-negro um desenvolvimento progressivo, de maneira a servir a Humanidade, trabalhando de mãos dadas como os outros povos do Mundo.

*Amilcar Lopes Cabral*